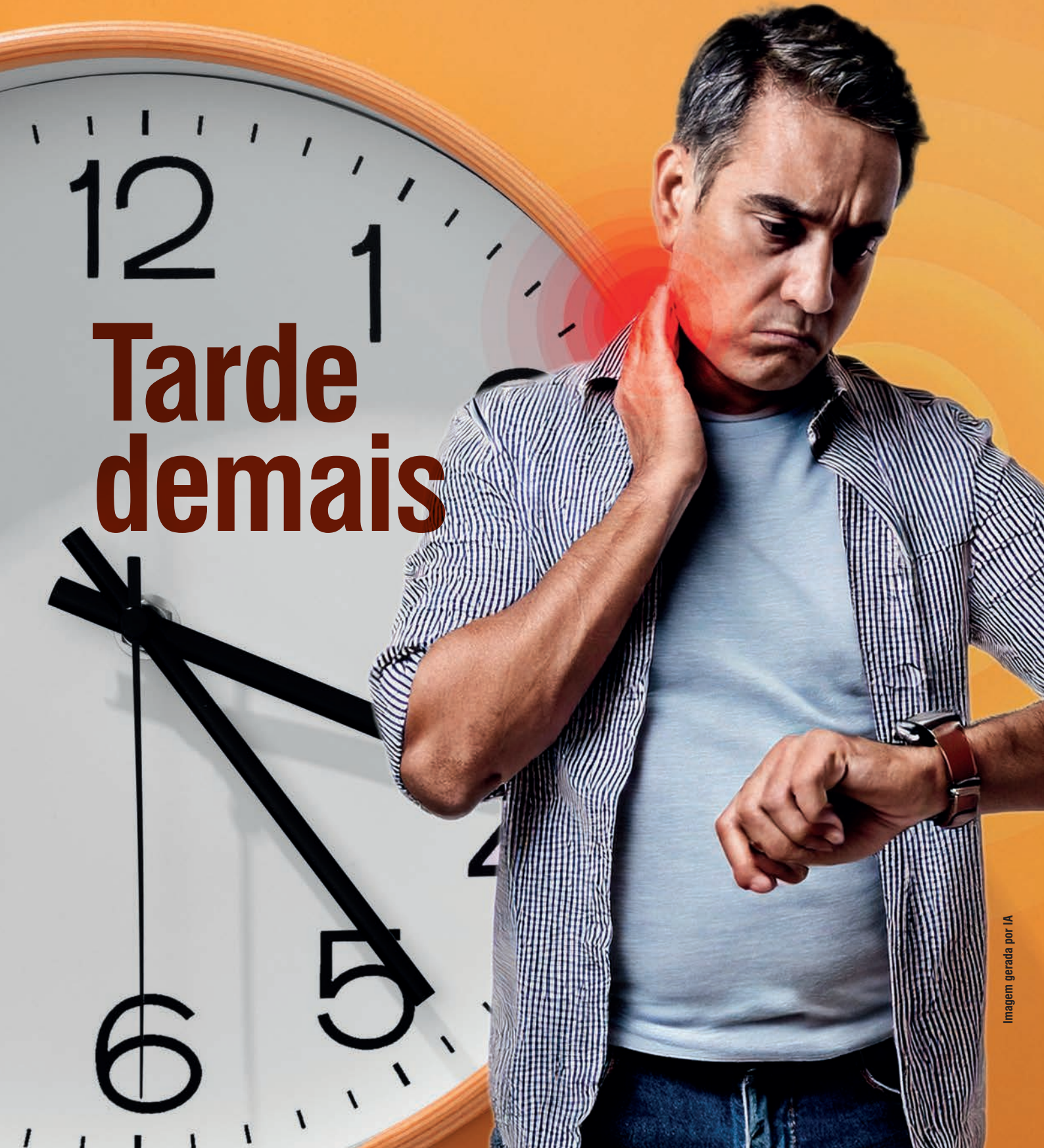


ciência

PESQUISA INÉDITA DO INCA REVELA QUE QUASE 80% DOS CASOS DE CÂNCER DE CABEÇA E PESCOÇO NO BRASIL SÃO IDENTIFICADOS EM ESTÁGIOS AVANÇADOS



Tarde demais

Detectar tardiamente um tumor maligno pode comprometer as chances de cura e reduzir as taxas de sobrevivência dos pacientes. Mesmo assim, em determinados tipos da doença, essa demora é mais frequente do que se imagina. Um exemplo é o câncer de cabeça e pescoço, que apresenta elevados percentuais de diagnósticos tardios. Pesquisadores do INCA conduziram um estudo inédito, com casos registrados entre 2000 e 2017, no qual verificaram que 78,2% foram identificados em estágios avançados (III ou IV). Fatores de risco como tabagismo e consumo de bebidas alcoólicas, além de baixa escolaridade e dificuldade de acesso a serviços de saúde especializados, contribuem para o quadro.

A pesquisa deu origem ao artigo *Disparidades no estágio do diagnóstico de tumores de cabeça e pescoço no Brasil: uma análise abrangente de Registros Hospitalares de Câncer*, que lança luz sobre a falta de conhecimento, por parte de grande parcela da sociedade, dos sintomas iniciais provocados pela enfermidade e sobre as barreiras no acesso à saúde. O trabalho foi publicado em fevereiro na revista britânica *The Lancet Regional Health* e envolveu pesquisadores das coordenações de Assistência (Fernando Dias, chefe do setor de Cabeça e Pescoço), Prevenção e Vigilância (Flávia Nascimento de Carvalho, Luciano Mesentier da Costa e Luís Felipe Leite Martins) e Pesquisa (Marianna de Camargo Cancela e Luis Felipe Ribeiro Pinto, líder do estudo e do Programa de Carcinogênese Molecular do Instituto).

“É um cenário que já vem sendo observado há muitos anos, o que nos motivou a fazer a pesquisa. O intuito era entender quais fatores estariam associados ao elevado percentual de tumores detectados numa fase tão avançada da doença”, explica a epidemiologista Flávia Nascimento de Carvalho, que desenvolveu o trabalho como parte de seu doutorado.

Atualmente, o câncer de cabeça e pescoço é o oitavo tipo mais frequente no planeta. Ele atinge a mucosa do trato aerodigestivo superior (da garganta para cima), afetando principalmente a cavidade oral, a orofaringe, a laringe e a hipofaringe. A publicação *International Journal of Cancer* aponta que, em 2020, cerca de 750 mil novos casos foram registrados em todo o mundo, o que resultou em mais de 360 mil mortes. No Brasil, figura entre os dez cânceres mais comuns entre homens, como

revelam as estimativas de incidência de câncer do INCA. Nos últimos anos, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva precisou lidar com uma neoplasia do tipo, chamando a atenção para essa realidade.

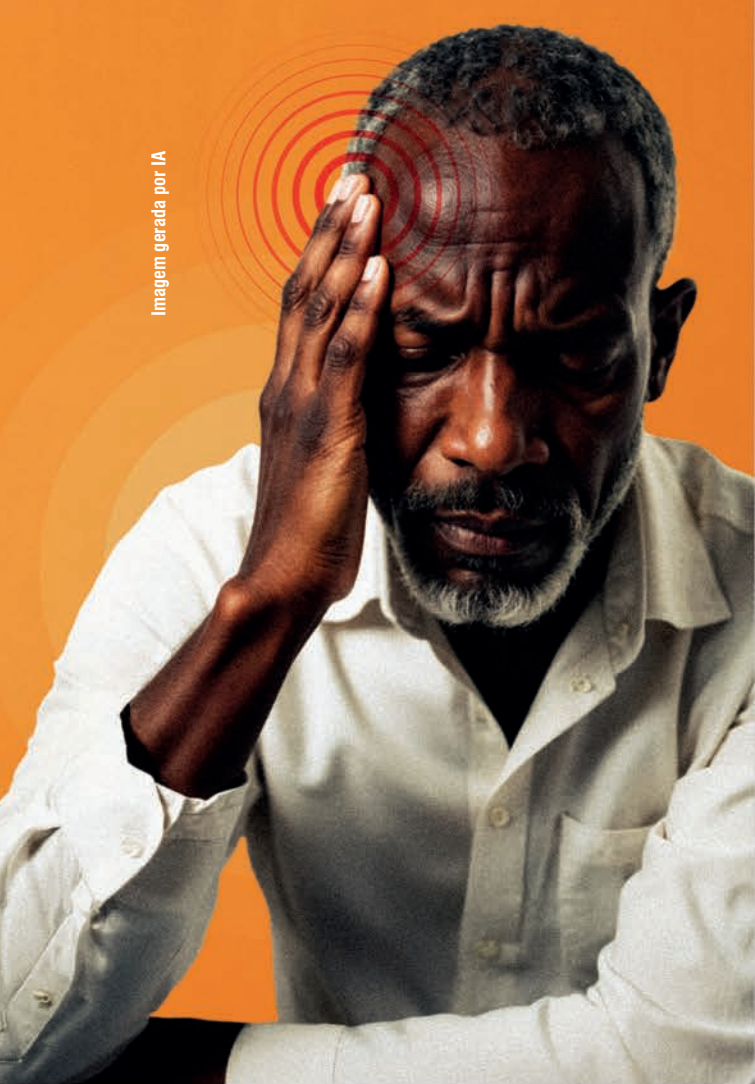
MAIORIA É DE HOMENS

De acordo com o levantamento, que analisou mais de 145 mil pacientes por meio dos Registros Hospitalares de Câncer existentes no Brasil, os tumores hipofaríngeos lideram a lista de carcinomas detectados em estágios avançados, com 91,3% dos casos. Em seguida, estão os orofaríngeos (86,6%), da cavidade oral (75,1%) e da laringe (69,5%).

Durante o período abrangido pela análise, também foi observada tendência de aumento anual de 0,29% e 0,38% para tumores em fase adiantada da cavidade oral e da orofaringe, respectivamente. Do total de pacientes com a doença avançada, a maioria é do sexo masculino (84,9%), têm menos de 60 anos (54,4%) e baixa escolaridade (40,8%), são consumidores de álcool (58,2%) e tabaco (71,3%) – fatores de risco associados à doença – e portadores de carcinoma primário localizado na hipofaringe (11,3%) ou orofaringe (31,7%).

“Essa informação [sobre as disparidades regionais do País] é de grande importância para sinalizar e apontar questões sérias. É evidente que uma pessoa na região metropolitana de São Paulo, por exemplo, terá maior probabilidade de ser atendida com mais velocidade e qualidade do que quem está no interior do estado”

LUÍS FELIPE LEITE MARTINS, chefe da Divisão de Vigilância e Análise de Situação do INCA



Esse perfil chama atenção, uma vez que indivíduos com esse tipo de câncer costumam ter em torno de 60 anos. O estudo revelou ainda que, quanto mais jovem, mais avançado era o estadiamento. Além disso, à medida que a faixa etária e o nível educacional dos pacientes aumentavam, notava-se uma redução significativa na prevalência de tumores nessa fase. De acordo com o artigo, os que não tinham ensino básico ou possuíam educação incompleta apresentaram 17% mais possibilidade de identificar o câncer tardiamente, em comparação àqueles com ensino superior.

“Nossa hipótese é a de que pessoas com menos idade estão num período economicamente ativo, porém, num momento em que há, mundialmente, uma evidente precarização do trabalho. Talvez essas pessoas não estejam conseguindo interromper a rotina de trabalho para poder procurar a assistência médica necessária”, acredita Flávia.

DESIGUALDADES

A pesquisa também apontou que os resultados obtidos são fruto de grandes disparidades

regionais existentes no País. Todos os estados apresentaram elevados percentuais de doença avançada, com destaque para os das regiões Norte e Nordeste, refletindo desigualdades no acesso a serviços especializados de saúde.

“Essa informação evidencia desigualdades relevantes no acesso aos serviços de saúde. É evidente que um morador da Região Metropolitana de São Paulo, por exemplo, tende a receber atendimento com maior agilidade e qualidade em comparação a quem vive em áreas mais remotas. O estudo leva em consideração essas variáveis regionais, reconhecendo que, em estados com melhor estrutura de saúde, há maior probabilidade de acesso ao diagnóstico oportuno e à realização de procedimentos como a biópsia. Na Região Norte, as grandes distâncias territoriais, aliadas à presença de rios extensos e áreas de floresta densa, impõem sérias limitações à mobilidade. Em muitos casos, o acesso a hospitais de referência pode demandar um ou dois dias de deslocamento, comprometendo a oferta oportuna de cuidados em saúde, especialmente em situações que exigem atendimento especializado”, ilustra Luís Felipe Leite Martins, chefe da Divisão de Vigilância e Análise de Situação do INCA e um dos autores do estudo.

Na opinião de Flávia, a situação demonstra que, a rigor, o problema pode ser revertido por meio da manutenção e adaptação de programas e políticas públicas em prol da ampliação do acesso à saúde, com identificação de grupos de maior risco e consultas com especialistas, como dentistas e otorrinolaringologistas. Outra iniciativa seria recorrer às campanhas de conscientização sobre os males do fumo e da ingestão de bebidas alcoólicas. “O que vislumbramos como formas de mitigar o atual cenário são ações de controle focadas na atenção primária, com a identificação de grupos de risco para um acompanhamento mais direcionado. Isso poderia ser feito por meio do trabalho de agentes comunitários de saúde, capazes de identificar os indivíduos expostos aos principais fatores de risco. Tudo isso anteciparia a chegada de pacientes ao hospital, levando-os, então, a um diagnóstico mais precoce e a um tratamento menos invasivo”, afirma a epidemiologista.

Para Martins, a pesquisa evidencia falhas significativas no percurso assistencial feito pela população para o tratamento da doença. “O elevado percentual de casos diagnosticados em estágio avançado está diretamente relacionado às fragilidades do sistema de saúde como um todo —

“O que vislumbramos como formas de mitigar o atual cenário são ações de controle focadas na atenção primária, com a identificação de grupos de risco para um acompanhamento mais direcionado”

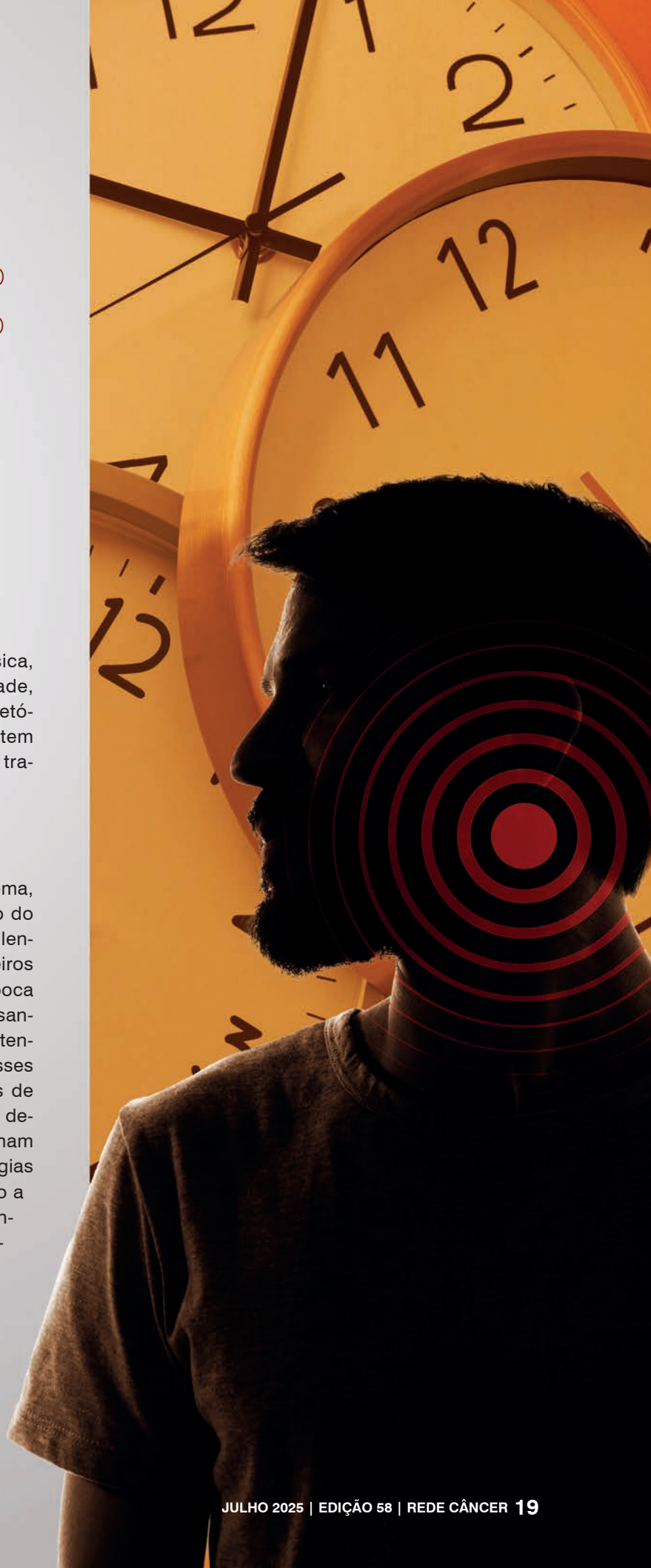
FLÁVIA NASCIMENTO DE CARVALHO,
epidemiologista do INCA

desde o primeiro atendimento na unidade básica, passando pelos serviços de média complexidade, até alcançar a atenção especializada. Essa trajetória revela entraves importantes que comprometem o diagnóstico precoce e o início oportuno do tratamento”, destaca.

PRIMEIROS SINTOMAS

Diferentemente de outros tipos de carcinoma, o câncer de cabeça e pescoço – com exceção do que acomete a hipofaringe – não é tido como “silencioso” ou sem manifestações clínicas. Os primeiros sinais normalmente consistem em feridas na boca que não cicatrizam, dificuldade para engolir, sangramentos, dores constantes, rouquidão persistente e caroços no pescoço. Quanto mais cedo esses sintomas são percebidos, maiores as chances de tratamento eficaz. Por outro lado, se há muita demora na descoberta do tumor, as opções se tornam mais agressivas, exigindo, eventualmente, cirurgias mutiladoras em áreas expostas do corpo, como a face, além de radioterapia e outros procedimentos que impactam significativamente a qualidade de vida dos pacientes.

“Quando a doença chega [aos médicos] nos níveis III e IV, ela inspira a utilização de outros tipos de tratamento além da cirurgia. Isso traz maior probabilidade de não cura”, frisa Martins. “São vários os fatores que determinam a chegada do paciente em





estádio avançado da doença. Não dá para culpabilizar apenas o paciente pelo atraso na busca por atendimento. Geralmente o câncer chega a um estágio mais avançado justamente devido à demora geral no atendimento.”

FOCO NA PREVENÇÃO

Diante disso, os autores do estudo reforçam a importância de campanhas de prevenção e detecção precoce em grupos de elevado risco para mudar o quadro atual. Controle do tabagismo associado a políticas de redução do consumo de álcool e investimento na capacitação de profissionais da atenção básica são caminhos que ajudariam a reduzir o número de diagnósticos tardios. As chances

de cura para o câncer de cabeça e pescoço são de 90% se tratado desde cedo.

“Já tivemos ações muito bem-sucedidas em relação à redução do tabagismo na nossa população. Mas a indústria é esperta. Por exemplo, num dado momento em que houve um fenômeno de diminuição do consumo de cigarros por homens, as empresas passaram a investir em propagandas direcionadas a mulheres. Tanto que vemos atualmente, de acordo com vários estudos, a redução da mortalidade do câncer de pulmão entre a população masculina e o aumento entre pessoas do sexo feminino”, ilustra Flávia. “Precisamos realmente de políticas públicas para que se diminuam esses comportamentos de risco”. A prevenção costuma ser a melhor saída. ■